

RUBEN BRANDO

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data 1/1/1
Cod. I4D001402

QUEM É O ÍNDIO?

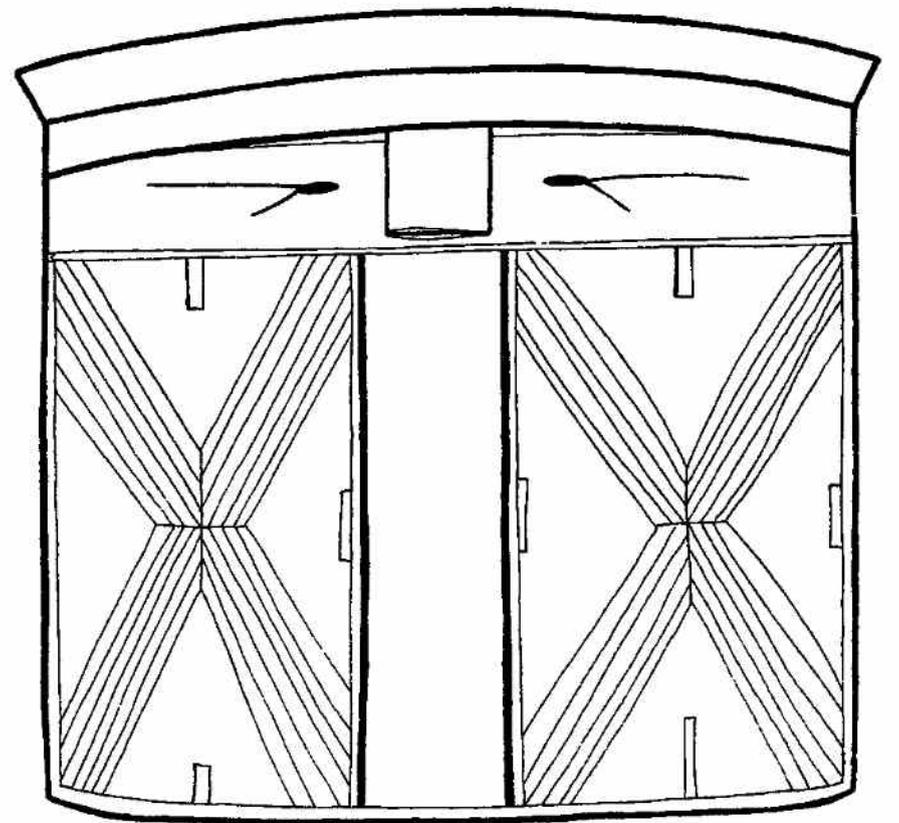


ANAÍ

Associação Nacional de Apoio ao Índio

ANAÍ – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO ÍNDIO
1980

RUBENS BRANDO



MÁSCARA PARA FESTAS EM MADEIRA
KAMAIURÁ – Mato Grosso

Meyer, Herrmann; Die Kunst der Xingu-Indianer, In: Internationaler Americanisten Kongress, Stuttgart, 1904.

Produção e edição ANAÍ-DF

Pedidos para Caixa Postal 142309 – Brasília/DF

COLABORARAM NESTE TRABALHO:

Azelma Rodrigues - Dulce Maria Peixoto - Eduardo Almeida - Elizabeth Falluh -
Isabel Flecha de Lima - Joelita Freitas - Jorge Garcia - Jorge Romano - Gustavo
Lins Ribeiro - Marco Lazarin - Maria Ciça - Milton Guran - Marialice Pitaguary -
Olympio Serra - Rafael Bastos - Sheila Demasi - Silvana Louzada.

Nossos agradecimentos ao prof. Júlio Cesar Mellati

Colaboração do Banco do Brasil

Caro professor

“QUEM É O ÍNDIO?” é a concretização de um antigo projeto de vários profissionais de diversas áreas, preocupados com os problemas que vêm enfrentando as comunidades indígenas desde a chegada dos primeiros europeus até nossos dias. São músicos, artistas plásticos, antropólogos, educadores, estudantes, entre outros, que alimentavam a esperança de colocar nas mãos do professor brasileiro um livro inteiramente dedicado à problemática indígena e que viesse a contribuir nas diversas áreas do ensino do primeiro grau. “QUEM É O ÍNDIO?” procura traçar um painel da história dos povos indígenas, bem como transmitir uma parte de sua cultura, hoje tão esquecida, através de suas músicas, jogos e mitos.

A ANAÍ – Associação Nacional de Apoio ao Índio, ao editar “QUEM É O ÍNDIO?” tem também o objetivo de fornecer dados sobre a situação atual destes povos para que esta nova geração tenha consciência de seu dever para com seus irmãos índios, hoje à beira do extermínio.

Esperando que nosso trabalho seja útil à tarefa dos educadores, nos colocamos à inteira disposição para outros projetos.

ANAÍ

Brasília, 19 de abril de 1980

PRINCIPAIS TRIBOS DO BRASIL

Mapa de sua localização durante o século XVIII:



Fonte: REVISTA DO ENSINO n.º 106, ano XIV, 2ª edição, 1966

INTRODUÇÃO

1. O dia 19 de abril é comemorado em todo o Continente Americano como o Dia do Índio desde o ano de 1941, por recomendação do I Congresso Indigenista Interamericano, reunido na cidade mexicana de Pátzcuaro, em abril de 1940. As comemorações desse dia convidam os cidadãos, dos vários países americanos, a se deterem por um momento para refletirem sobre as relações entre a população indígena e a de origem extra-continental, isto é, os colonizadores.

2. Em quase todos os países americanos existem índios, como se pode averiguar no seguinte quadro: (ver quadro)

3. Certos países, como o Uruguai ou aqueles constituídos pelas Ilhas do Caribe, estão ausentes das estimativas do quadro acima, porque neles não mais existem populações indígenas. Por outro lado, dos países presentes no quadro, o Brasil é aquele que tem a menor população indígena em proporção à população total: 0,2%. Em outras palavras, em cada lote de mil brasileiros, apenas dois são índios. Atualmente não chegam a 200 mil.

ATIVIDADES I

a. Debate

— Sabendo-se que a população indígena no Brasil era de 5 milhões, e na época do descobrimento, o que teria causado tamanha redução?

— O que aconteceu nos outros países da América?

b. Pesquisa

— Quais as hipóteses sobre a origem do índio americano?

SOBRE A CULTURA INDÍGENA

4. Sendo proporcionalmente tão poucos, porque tanta atenção damos aos problemas dos indígenas?

5. Em primeiro lugar porque o Brasil, tal como os demais Estados americanos, se formou pela conquista dos territórios índios, a maioria dos quais desapareceu nos combates, nos surtos de moléstias desconhecidas no Continente e trazidas pelos não índios ou esgotados pela escravidão que lhes foi imposta pelos brancos. Temos pois, para com os descendentes dos mais antigos habitantes das Américas, uma dívida a saldar. Como pagá-la? Respeitando-os como homens, garantindo-lhes a

POPULAÇÃO INDÍGENA DAS AMÉRICAS EM 1978

| Países | População indígena | % da população nacional |
|-----------------|--------------------|-------------------------|
| Canadá | 500.000 | 2,1 ** |
| Estados Unidos | 1.568.000 | 0,7 |
| México | 8.042.000 | 12,4 |
| Guatemala | 3.739.000 | 59,7 |
| Belize | 10.000 | 7,0 ** |
| Honduras | 107.000 * | 3,2 |
| El Salvador | 100.000 * | 2,3 |
| Nicarágua | 43.000 * | 1,8 |
| Costa Rica | 10.000 | 0,6 |
| Panamá | 121.000 | 6,8 |
| Güiana Francesa | 700 | 1,2 ** |
| Suriname | 10.000 | 2,6 ** |
| Güiana | 27.000 | 3,4 ** |
| Venezuela | 202.000 | 1,5 |
| Colômbia | 547.000 | 2,2 |
| Equador | 2.564.000 | 33,9 |
| Peru | 6.025.000 | 36,8 |
| Bolívia | 3.526.000 | 59,2 |
| Chile | 616.000 | 5,7 |
| Argentina | 200.000 | 0,8 |
| Paraguai | 67.000 | 2,3 |
| Brasil | 243.000 | 0,2 |
| TOTAL | 28.279.000 | |

(*) Números não confiáveis, segundo os Autores citados.

(**) Percentagens não calculadas pelos Autores citados.

Fonte: MAYER, Enrique & MASFERRER, Élio. "La Población Indígena de América en 1978". *América Indígena*, vol. 39 nº 2. México: Instituto Indigenista Interamericano, 1979. p. 217-337, especialmente p. 220-222.

posse das suas terras para manterem sua maneira de viver. (Mapa com distribuição das várias tribos indígenas do Brasil no século XVIII)

6. Em segundo lugar, as sociedades indígenas constituem muitas outras formas de dar sentido à existência humana. Oferecem-nos exemplos de relacionamentos diferentes entre os homens e com a natureza, alguns que podem ser imitados por nós. Enfim, são modalidades de vida cuja preservação deve ser garantida, embora não imposta.

7. As culturas indígenas têm se modificado através dos tempos. De qualquer maneira, dificilmente se consegue deter a mudança cultural. Basta lembrar que as culturas indígenas muito se modificaram durante o longo período que precedeu a chegada dos europeus. Através de mostras arqueológicas, vemos como os artefatos desses povos, que começaram a chegar há pelo menos uns 40 mil anos, vão se transformando pouco a pouco, adaptando-se às modificações da fauna e da vegetação. Acompanhando as transformações climáticas relacionadas ao recuo da última glaciação, florestas e campos alteraram a sua distribuição geográfica, o mesmo acontecendo com os animais, como a lhama, a anta. Certas espécies chegaram a desaparecer do Continente, como o mamute, o grande bisão de longos chifres, o lobo medonho, o megatério (preguiça gigante), o cavalo (posteriormente reintroduzido na América pelos europeus).

8. Pouco a pouco os artefatos vão passando de uma relativa uniformidade para uma grande variedade de formas, segundo as adaptações regionais. Entre 7 mil e 4 mil anos a.C., se processa gradualmente a domesticação de vegetais. Em outras palavras, os índios passam cada vez mais a cultivar certos vegetais que antes apenas apanhavam. Apesar da agricultura ter surgido primeiramente no México ou regiões vizinhas, não foi aí que se domesticaram todos os vegetais que terminaram por ser normalmente cultivados nas Américas. Provavelmente, à medida que a nova técnica de obter alimentos se ia expandindo pelo continente, os membros das sociedades que a aprendiam, a experimentavam com vegetais silvestres de sua própria região.

9. Quando os europeus chegaram, puderam encontrar os índios cultivando um número grande de plantas, entre as quais o milho, o amaranto, o feijão, o amendoim, a mandioca brava, a macaxeira, a batata-inglesa, a batata-doce, o cupa*, o chuchu, a abóbora, a fruta-de-conde, o abacate, o caju, a goiaba, a sapota*, o sapoti*, o mamão, o abacaxi, a iúca*, o tomate, a pimenta, a baunilha, o cacau, o fumo, o maguei*, o algodão, o henequem*, o sisal*, e muitas outras, algumas das quais com muitas variedades.

10. Naturalmente, a adoção da agricultura modificou em muito as culturas dos povos indígenas. A difusão do uso da cerâmica, a partir do Equador, mais ou menos em 3.200 A.C., contribuiu para novas modificações culturais. O mesmo deve ter acontecido com o aparecimento da tecelagem e o uso de metais.

ATIVIDADES II

Pesquisa sobre a agricultura, a cerâmica, tecelagem, alimentação e o uso de metais nas várias tribos indígenas.

11. Mas é preciso deixar claro que nem todos os índios desfrutaram igualmente de todas essas técnicas. As sociedades indígenas diferem umas das outras, em parte devido à diversidade de ambientes em que estão instaladas. Os grupos do extremo norte e do extremo sul do Continente, por exemplo, não chegaram a adotar a agricultura, uma vez que as condições climáticas dessas regiões não o permitia. Há tribos no Brasil que não plantavam a mandioca brava e nem sabiam fazer farinha, usando apenas a macaxeira, como os índios *Pãno*, do sudoeste da Amazônia ou os *Gê* do centro do Brasil. Hoje, várias dessas populações fazem farinha de mandioca brava, o que aprenderam com os civilizados (que, por sua vez, aprenderam a fazê-lo com os antigos *Tupi* do litoral). Por outro lado, um alimento muito importante para os *Gê* é a batata-doce, apesar de alguns deles, hoje, como os *Krahô*, preferirem cultivar e comer o arroz, introduzido pelos civilizados. Mesmo entre os índios que cultivam a mandioca brava e dela fazem farinha, certos instrumentos necessários a sua confecção variam de tribo para tribo: assim, enquanto os índios do Xingu enrolam a massa numa esteira de talinhos para espremê-la, livrando-a do ácido venenoso, outros, como os *Guajajara* do Maranhão, usam colocá-la num tubo flexível, chamado *tipiti*, que a comprime quando esticado.

12. Não apenas nas coisas materiais variam as culturas indígenas; a diversificação se dá em todos os níveis: nas crenças, na mitologia, nos ritos, na ordenação do espaço, na organização política, na organização familiar e até na língua. Mas não se trata de uma diversificação caótica: é possível ordená-la e compreendê-la. No caso das línguas, por exemplo. Um *Xavante* e um *Xerente* podem conversar e se entenderem mutuamente, apesar de não falarem exatamente da mesma maneira; diz-se, então, que falam dialetos de uma mesma língua, que é chamada *Akuên*. Por sua vez, os *Ramkokamekhrá*, os *Apaniekhrá*, os

Krinkati, os *Krahô*, os *Apinayé*, também não falam exatamente da mesma maneira, mas se compreendem mutuamente; diz-se, então, que falam dialetos de uma mesma língua, a *Timbira*.

SOBRE A REALIDADE INDÍGENA NO BRASIL HOJE

13. Nestas poucas páginas não é possível fazer uma descrição da vida de cada tribo indígena brasileira, e nem mostrar a complexidade da cultura de cada uma. Faremos então, apenas breves observações sobre os índios de cada área. Colorindo o mapa abaixo, será mais fácil a percepção da distribuição e origem. (Ver mapa de pág. 2)

14. No extremo norte do litoral brasileiro, na fronteira com a Guiana Francesa, há um grupo de tribos espacialmente muito próximas, algumas deslocadas do Estuário Amazônico, quase todas com descendentes de grupos indígenas desaparecidos, e de colonizadores, das mais diversas origens. São os *Galibi* (da família Karib, dos quais uma parte não fala mais a língua original e sim o dialeto francês da Guiana), os *Karipúna* (do tronco *Tupi*, mas que também não falam a língua original e sim o citado dialeto francês) e os *Palikúr* do tronco Aruák e que conservam sua língua). Os índios dessa área estão bastante modificados e vivem sob influência, tanto dos brasileiros como dos franceses.

15. Ao longo da fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, o Suriname e a Guiana, concentram-se tribos da família Karib. Aí temos índios muito modificados, como os *Makuxí*, *Wapitxãna*, *Taulipáng*, dos cerrados de Rondônia, (dessa região é que é oriundo o mito de Macunaíma), ocupados há uns três séculos por criadores de gado; índios em contato relativamente recente, mas influenciados por missionários Franciscanos, como os *Tyriyó*, *Kaxúyana* e *Ewarhaoyána*, os três concentrados em torno da missão; até índios isolados como os *Waimirí* e *Atroarí*, da fronteira Amazonas-Roraima. Vários dos grupos dessa região tem também representantes do outro lado da fronteira internacional.

16. Em ambos os lados da fronteira Brasil-Venezuela, estão os índios da família *Yanoama* (também chamadas *Xirianá*). Esta família compreende quadro línguas, faladas nos dois países. *Yanomán*, *Yanam* e *Sanumá*. É para os grupos indígenas *Yanoama* que se está estudando a criação de um Parque Indígena, problema que tem sido muito discutido pela imprensa ultimamente. São índios que mantêm, em grande parte, seu antigo modo de viver, não obstante o relativamente recente contato com os civilizados, e com outros grupos Karib (de que são exemplos as relações dos *Sanumá* com os *Mayongóng*).

17. Na fronteira Brasil-Colômbia, no Rio Negro e seus afluentes do alto curso, temos uma área muito complexa do ponto de vista lingüístico: os grupos do tronco *Aruák*, abandonam suas línguas para falar outras da família Tukano. Ao mesmo tempo, a Língua Geral (do tronco *Tupi*), introduzida pelos colonizadores, vai também substituindo línguas da área. Além dos índios das beiras dos rios, há outros que falam dialetos da língua *Makú*, adaptados ao interior da floresta e que mantêm relações com os primeiros. É muito forte a influência da missão Salesiana — uma ordem religiosa — na área; os índios tem então, desde o século passado, se unido em movimento reivindicadores, de tipo messiânico — movimento que seguem um líder religioso que promete o paraíso. Sabe-se que toda a estrutura social de uma tribo é mantida, por exemplo, pela disposição das habitações. Quando forçados a modificar sua organização espacial, os índios protestam pois isto destrói sua organização natural.

18. Movimentos messiânicos também são comuns entre os *Tukuna*, que vivem na fronteira tríplice Brasil-Colômbia-Peru, em terras outrora ocupadas pelos desaparecidos *Omágua* ou *Cambéba*. Os *Tukuna* devem ter descido dos afluentes setentrionais do Solimões. Por outro lado, sob a influência dos mesmos centros econômicos, em torno dos quais giram os *Tukuna*, estão os índios do Javará e seus afluentes, ou seja, da fronteira Brasil-Peru. Aí há vários grupos recém-atraídos, em atração*, ou que entraram pela segunda vez em contato com os “civilizados”*. É uma região que foi ocupada por seringueiros* e caucheiros* no auge do período da borracha, na passagem do século passado para o atual. Mas, quando veio a queda dos preços da borracha, os “civilizados” foram abandonando a região, deixando os índios que haviam sobrado à primeira invasão, isolados novamente. Hoje, os civilizados voltam a ocupar a região, agora à procura de madeiras, além de látex. A maioria das tribos que aí vivem é da família *Pâno*.

19. Continuando a acompanhar a fronteira, chegamos ao Acre, banhando pelos altos cursos do Juruá e do Purús e seus afluentes. Aí vivem vários grupos tribais da família *Pâno* e do tronco *Aruák*. Os índios dessa região também perderam suas terras no período da borracha, que foram incorporados aos seringais. Mas, somente nos últimos anos é que o Governo Federal começou a dar atenção aos índios do Acre e a tentar garantir-lhes terras. A situação, porém, agora se complica, uma vez que os decadentes seringais passam a ser vendidos às agropecuárias. Os índios do Acre, como os do Javará e, mais ainda os dos médios Juruá e Purus, estão entre os menos conhecidos etnograficamente, apesar

de quase um século de contato.

20. Prosseguindo pela fronteira, chegamos à região onde os índios parecem mais ameaçados de extinção, dada a rapidez da colonização atual: Rondônia e sua fronteira com Mato Grosso. São grupos tribais de pequenas famílias lingüísticas, como a *Txapakúra* e a *Nambiquara*. É curioso notar que em Rondônia e na região vizinha, a nordeste, se concentram os grupos remanescentes de falantes de pequenas famílias do tronco *Tupi*. Esse tronco compreende uma grande família, a *Tupiguarani*, que abrange línguas faladas em vários pontos do Brasil e também da Bolívia, Paraguai e Argentina, e pequenas famílias mais localizadas: *Tuparí* e *Arikêm*, em Rondônia; *Ramarama Mondé*, na fronteira setentrional Rondônia-Mato Grosso; *Mundurukú*, na fronteira Amazonas-Pará; e *Jurúna*, já no Xingu. Na região a nordeste de Rondônia há também vários grupos que falam três línguas da família *Tupi-Guarani*: *Kawahib*, *Kayabí* e *Mawé*.

21. Já que abandonamos a fronteira internacional e nos dirigimos para leste, temos, no norte de Mato Grosso, a região dos formadores do Xingu, onde se concentram muitos grupos de troncos e famílias lingüísticas diferentes. Devido ao intenso contato que mantêm entre si, tendem a constituir uma cultura única. Na região foi criado um parque indígena e, agora trazidos pelos próprios brancos continuam a chegar novos grupos indígenas, que assim são forçados a deixar suas terras para serem ocupadas pelos civilizados.

22. Mais para leste, numa vasta região que compreende o sul do Pará, o sul do Maranhão, o norte de Goiás e o oeste de Mato Grosso, na transição da floresta Amazônica para o cerrado e sobre tudo neste último, estão, em suas grandes aldeias circulares ou semi-circulares, vários grupos da família *Jé* e de outras famílias e línguas do tronco *Macro-Jé*. Nessa região, caracterizada hoje pela criação de gado, os grupos indígenas que aí sobreviveram, apesar de longo contato com os brancos que a maioria mantém, alguns há quase dois séculos, continuam com boa parte de suas culturas originais. Entre esses grupos há algumas tribos a família *Tupi-Guarani*, sobretudo na região do baixo Araguaia e do baixo Tocantins.

23. Na fronteira Pará-Maranhão também estão alguns grupos da família *Tupi-Guarani*: os *Tembé* e os *Guajajara*, muito modificados (esses dois grupos constituem os *Tenetehára*), assim como os *Amanayé* e os *Turiwára*; os *Kaapór* (Urubus), em contato há meio século; e os *Guajá*, em processo de atração. *Uirá*, cuja história foi tema de filme recente, era um índio *Kaapór*.

24. No Nordeste há alguns grupos indígenas que vivem hoje tal qual os sertanejos. Com exceção dos *Potiguára*, que vivem no litoral da Paraíba, e os *Fulniô*, que estão no agreste pernambucano, os demais vivem na caatinga, nas vizinhanças do rio São Francisco, nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Somente os *Fulniô* conservam sua língua original (do tronco *Macro-Jê*); os demais só falam português.

25. Em situação semelhante estão os índios da região fronteira de Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo. Há dois grupos chamados *Pataxó*, um deles com a denominação complementar de *Han han hân* e o outro morador de uma área junto ao Monte Pascoal (o que não quer dizer que sejam aqueles descritos na carta de Pero Vaz de Caminha). No litoral do Espírito Santo estão os que são agora chamados de *Tupinikín*, o que também não quer dizer que sejam do mesmo grupo de mesmo nome dos primórdios do período colonial. Em Minas Gerais estão os *Maxakalí*, talvez os únicos que ainda falam sua língua original, do tronco *Macro-Jê*. Todos esses índios devem estar de alguma forma relacionados aos chamados *Aimoré*, do período colonial, ou *Botocudos*, do período imperial. Mais afastados, já do outro lado do rio São Francisco, no norte de Minas Gerais, estão os *Xakriabá*, que outrora falaram um dialeto da língua *Akuên*, a mesma dos *Xerênte* e dos *Xavânte*.

26. Em Mato Grosso do Sul, em pequenas reservas indígenas, em fazendas ou em cidades, vivem os *Terêna*, tribo numerosa, do tronco *Aruák*. Habitavam a região do Chaco. Deslocaram-se para o Brasil e se espalharam pouco a pouco, chegando até o estado de São Paulo. Pode-se dizer que hoje vivem ao longo da estrada de ferro Noroeste. Por outro lado, os *Kadiwéu*, também do Chaco, da família *Guaikurú*, índios cavaleiros do passado, que impunham tributos à tribos vizinhas, hoje vivem numa grande reserva, cuja maior parte continua arrendada a fazendeiros.

27. Também em Mato Grosso do Sul vivem os *Kaiwá*, que são um subgrupo dos *Guarani*. Os outros subgrupos *Guarani* presentes no Brasil são os *Nandéva* e os *Mbiá*. Pode-se dizer que cada um desses subgrupos fala um dialeto da língua *Guarani*, que, por sua vez, pertence à família *Tupi-Guarani*. Os *Guarani* habitam o sul do Paraguai e o nordeste da Argentina. No Brasil, além de Mato Grosso do Sul, vivem em pequenas reservas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Expandiram-se para leste a partir do século passado, quando passaram a se deslocar à procura da mítica "Terra sem Males" — paraíso terrestre similar à terra prometida por Moisés. Nos mes-

mos quatro últimos estados citados vivem também os *Kaingáng* e, em Santa Catarina, os *Xoklêng*. Os *Kaingáng* e os *Xoklêng* falam línguas da família *Jê*; vivem em pequenas reservas, algumas delas as mesmas em que vivem os *Guarani*. A vida dos *Guarani*, dos *Kaingáng* e dos *Xoklêng* é hoje muito diferente da sua maneira tradicional de organizar a existência. Várias de suas reservas têm arrendatários, algumas são ambicionadas pelos brancos e os índios têm de procurar trabalho fora delas, entre os civilizados. Na reserva, geralmente os índios procuram não se afastar muito dos postos da Funai. É curioso notar que nas reservas habitadas por mais de um grupo indígena, os *Kaingáng* se põem numa posição superior aos *Guarani*, no sul, tal como os *Terêna* fazem com outras etnias no norte.

Finalmente, é digno de nota que há um terceiro motivo a justificar a importância que damos aos problemas indígenas. É que sua consideração nos leva a um maior conhecimento da própria sociedade brasileira. Em outras palavras, ao se tratar de índios, somos levados a considerar problemas como as frentes de expansão da sociedade brasileira. Não se pode compreender a situação atual dos índios da Amazônia, se não levarmos em conta a antiga procura das chamadas drogas do sertão, a história da borracha e o recente avanço das agro-pecuárias; não se pode compreender a situação dos índios da região dos cerrados sem considerar a expansão da criação de gado a partir do Nordeste; não se pode entender o estado dos índios da Região Sul sem a história dos bandeirantes, das antigas disputas de território entre Portugal e Espanha e a recente colonização européia. Para se conhecer bem a situação de um grupo indígena é preciso estar a par dos planos do Governo Federal para a região em que vive, bem como os interesses da elite regional. Assim, ao se estudar os problemas indígenas, somos forçados a estudar os problemas da sociedade brasileira.

ATIVIDADES

PESQUISA:

- Fatos atuais sobre as dificuldades enfrentadas pelos índios do Brasil.
- Sobre estrutura espacial de uma aldeia indígena, a distribuição das habitações, do cemitério, a proximidade das fontes de água etc. Mostrar a diferença da organização espacial entre as diversas tribos. A pesquisa deve ser apresentada através de desenhos.

- Sobre a organização política e familiar das tribos.
- Sobre a religião dos indígenas.
- Sobre os hábitos, costumes, vocabulário, comidas e remédios indígenas que foram incorporados à cultura brasileira.

DEBATE:

- Como podemos nós, jovens brasileiros, portanto responsáveis pelos problemas enfrentados pelos índios, colaborar para com a sociedade, fazendo com que todos percebam que o índio é gente como nós, com hábitos diferentes e uma cultura que devem ser respeitados?

SUGESTÃO:

Os alunos das séries mais adiantadas (5ª a 8ª) poderiam falar sobre os hábitos indígenas aos mais novos (pré a 4ª série).

REDAÇÃO:

“Quem é o Índio?”

Esta redação, para a qual não se sugere limite de palavras, pode ser ilustrada com desenhos do próprio aluno e deve ser enviada à ANAÍ-DF – Caixa Postal 142309, Brasília – DF. Os textos mais significativos serão publicados

ONDE PESQUISAR:

ANAÍ (Associação Nacional de Apoio ao Índio) – Sede das Bandeirantes do Brasil, entre quadras 102/103 Sul (atrás do Cine-Centro São Francisco) – Caixa Postal 142309.

FUNAI (Fundação Nacional do Índio) – Ed. MINTER – 9º andar – Setor de Autarquias Sul

Conselho Indigenista Missionário – Centro Cultural – Av. L-2 – 602 Norte.

Departamento de Antropologia da UnB – Campus da UnB
 Pós-Graduação de Antropologia da UnB – Fone: 272-0000 ramal 234



Antigamente, contam, existiam três irmãos: Ocumáató, Icuaman e Onhiamuaçabê.

Onhiamuaçabê era dona do Noçoquem, um lugar encantado na qual ela havia plantado uma castanheira.

A jovem não tinha marido; porém todos os animais da selva queriam viver com ela.

Os irmãos, ao mesmo tempo, a queriam sempre em sua companhia, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Uma cobrinha, conversando com outros animais, certa vez, disse que Onhiamuaçabê acabaria sendo sua esposa.

Foi então espalhar pelo caminho por onde ela passava todos os dias um perfume que alegrava e seduzia.

Quando Onhiamuaçabê passou pelo caminho, aspirando o perfume, disse:

— Que perfume agradável!

A cobrinha, que estava próxima, disse a si mesma:

— Eu não dizia? Ela gosta de mim!

E, correndo, foi estirar-se mais adiante para esperar a moça.

Ao passar ao seu lado, tocou-a, levemente, numa das pernas.

E isto só bastou para que a moça ficasse grávida. Antigamente, uma mulher, para que isso acontecesse, bastava ser olhada por alguém, homem, animal ou árvore, que a desejasse para esposa.

Porém os irmãos de Onhiamuaçabê não queriam que ela se casasse com gente, animal, ou árvore e que tivesse filhos, porque era ela quem conhecia todas as plantas com que preparava os remédios de que precisavam.

Por isto, quando a moça apareceu grávida, os irmãos ficaram furiosos. E falaram, falaram e falaram, dizendo que não queriam vê-la com filho.

Chegou o dia do nascimento da criança.

A moça, depois do parto, no barracão feito por ela mesma, lavou a criança e tratou de criá-la.

Era um menino bonito e forte; e cresceu forte e bonito até a idade de falar.

Logo que pôde falar, o menino desejou comer as mesmas frutas de que os tios gostavam.

A moça contou ao filho que, antes de o sentir nas entranhas, plantara no Noçoquem uma Castanheira, para que ele lhe comesse os frutos, mas que os irmãos, expulsando-a da companhia deles, se apoderaram de Noçoquem, e não o deixariam comer castanhas.

Além disso, os irmãos da moça tinham entregue o sítio à guarda da Cotia, da Arara e do Periquito.

O menino, porém, continuou a pedir a Onhiámuáçabê, mãe dele, que lhe desse a comer as mesmas frutas que os seus tios comiam.

Um dia, então, Onhiamuaçabê, a moça, resolveu levar o filho ao Noçoquem para que comesse castanhas.

Assim, indo a Cotia ao Noçoquem, viu no chão, debaixo da Castanheira, as cinzas de uma fogueira, onde haviam assado castanhas.

A Cotia correu e foi contar o que vira aos irmãos da moça.

Um deles disse que talvez a Cotia se enganasse; o outro disse que não podia ser verdade.

Discutiram.

E afinal, resolveram mandar o Macaquinho-da-bôca-roxa tomar conta da Castanheira, a ver se aparecia gente por ali.

O menino, que havia comido muitas castanhas e cada vez mais as cobiçava, já conhecendo o caminho do Noçoquem, tornou a ir lá no dia seguinte.

Ora, os guardas do Noçoquem, que tinham ido adiante, com ordens de matar quem ali encontrasse, viram o menino subir, às pressas, à Castanheira.

E, estando próximos, bem próximos, ocultos por outras árvores, tudo observando, correram e forarõ esperá-lo debaixo da Castanheira, armados com uma cordinha para decepar a cabeça do comedor de castanhas.

Dando por falta do filho, a mulher já se havia posto a caminho, para o buscar, quando lhe ouviu os gritos.

Correu na direção do filho, mas já o encontrou decepado às mãos dos guardas. Arrancando os cabelos, chorando e gritando sobre o cadáver do filho, a moça Onhiámuáçabê disse:

— Está bem, meu filho. Foram os teus tios que mandaram te matar. Eles pensavam que tu ficarias um coitadinho, mas não ficarás.

Arrancou-lhe primeiro o olho esquerdo e plantou-o. A planta, porém, que nasceu desse olho não prestava; era a do falso guaraná.

Arrancou-lhe, depois, o olho direito e plantou-o. Desse olho nasceu o guaraná verdadeiro.

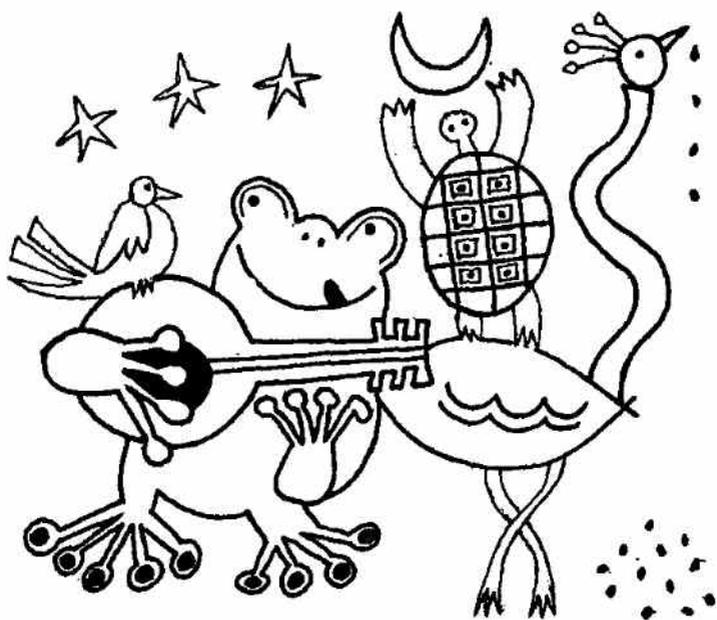
E, continuando a conversa com o filho, como se o sentisse vivo, foi anunciando:

— Tu, meu filho, tu serás a maior força da Natureza; tu farás o bem a todos os homens; tu serás grande; tu livrarás os homens de umas moléstias e os curarás de outras.

Grupo: MAUÉS

Fonte: NUNES PEREIRA, Os Índios Maués, RJ, Edição da Organização Simões, 1954.

O SAPO E O JABUTI VÃO À FESTA DO URUBU



O Urubu quis fazer uma festa no céu. Desceu à terra para comprar açúcar, farinha, café e fumo, aproveitando para convidar os outros bichos. Ao encontrar o sapo-cururu disse que não o convidava porque ele não sabia voar. Mas o Cururu, que gostava muito de festas, aproveitou um momento de distração e enfiou-se no saco de compras do Urubu. Ele levava um cavaquinho que tocava muito bem. O Jabuti, que também não fora convidado, arranjou com que a Garça o levasse. Quando chegou à festa, o sapo-cururu foi um sucesso com seu cavaquinho. No dia seguinte, ao terminar a festa, o Cururu tentou esconder-se no saco do Urubu, mas foi descoberto e atirado cá em baixo na terra. Quase morreu no tombo, passou muito tempo para ficar bom. Ele, que antes era alto e esguio, ficou com o corpo achatado. O Jabuti não foi mais feliz. Esquecido pela Garça, correu até à porta da casa do Urubu para pedir socorro. Mas perdeu o equilíbrio e caiu do céu, espedaçando-se todo quando bateu na terra. Tupã teve pena do Jabuti e foi juntar-lhe os pedaços, dando-lhe vida outra vez. Ainda hoje a gente vê no casco do Jabuti as marcas dos pedaços que Tupã juntou.

Grupo: TENETEHARA

Fonte: WAGLEY, C. E GALVÃO, E. — Os Índios Tenetehara, RJ, Ministério da Educação e Cultura, 1961.

IGARANHÃ: A CANOA ENCANTADA



Certa vez um homem resolveu fazer uma canoa de casca de jatobá, e assim que terminou a mulher dele teve um filho. Então, como não podia trabalhar com filho recém-nascido, ele ficou em casa, não pôde ir arrastar a canoa pra água. A canoa ficou lá no mato. Dias depois, quando ele já podia trabalhar novamente, disse para a mulher:

— Acho que a minha canoa já estragou, mas eu vou ver direito como é que ele está.

Chegou ao lugar e não encontrou a canoa. Não estava mais onde ele a havia deixado. O homem sentou perto do jatobá e ficou pensando o que podia ter acontecido com a canoa. Daí a pouco ele começou a ouvir barulho no mato. Logo depois viu que era a canoa que vinha voltando sozinha para o lugar dela.

— Uái, minha canoa está virando uma coisa? Está virando bicho!

Falou e ficou olhando. Viu que a canoa tinha olhos, um de cada lado da proa. “Vou entrar dentro dela”, pensou. E sentou dentro dela, dizendo:

— Você pode me levar?

A canoa mexeu um pouco e começou a andar na direção da lagoa. Assim que entrou na água os peixes começaram a pular pra dentro dela. A canoa comeu todos os peixes na mesma hora. E no mesmo instante mais peixes pularam para dentro. Estes, igaranhã deu ao seu dono. Em seguida a canoa saiu da água e foi se arrastando para o lugar dela dentro do mato. Quando ela chegou ao pé do jatobá o homem juntou os peixes e saindo de dentro da canoa disse:

-- Você fique aí quietinha que eu volto outro dia.

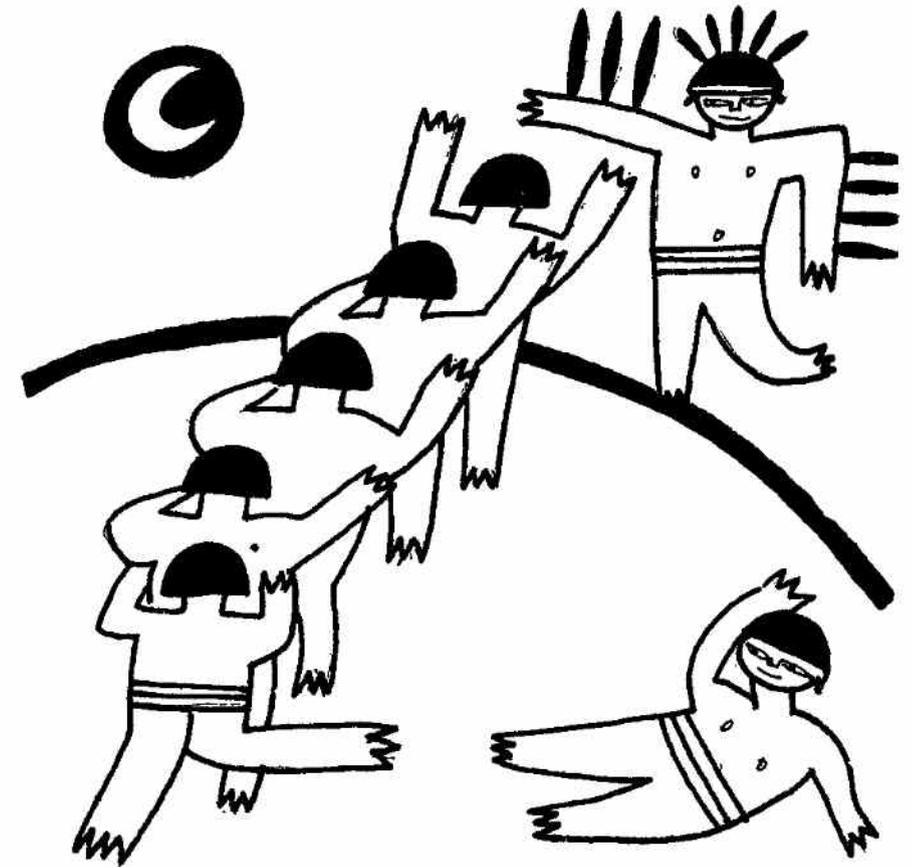
Dito isso, seguiu para casa levando os peixes. Quando chegou, a mulher lhe perguntou:

-- Onde você pegou tanto peixe?

— Encontrei um lugar muito bom para pescar.

Alguns dias depois avisou à mulher que ia novamente pescar. Foi e não encontrou a canoa no pé de jatobá. Ela estava viajando. Passado algum tempo, ouviu barulho de coisas se arrastando. Era a canoa que vinha vindo. O dono dela continuou sentado, olhando. A canoa chegou, parou e depois balançou um pouco para um lado e para outro. O dono falou consigo mesmo: "Quando ela mexe assim é porque está me chamando. Vou entrar". Dizendo isso, entrou. A canoa em seguida se encaminhou para a lagoa e, chegando lá, foi logo entrando na água. Na mesma hora os peixes começaram a pular para dentro dela. O pescador quis pegar todos os peixes logo. Mas quando começou a juntar os peixes foi engolido por igaranhã.

Igaranhã ficou zangada porque os primeiros peixes deviam ser para ela. O dono foi muito apressado e, por isso, engolido. Lá na casa a mulher ficou esperando o marido e ele nunca mais voltou.



O jogo do Uiraçu, que quer dizer gavião real na nossa língua, é uma brincadeira para crianças de pouca idade e que começa justamente pela escolha da maior criança dentre as do grupo para ser o Uiraçu. A criança que for a escolhida pode arranjar umas asas feitas de penas para configurar melhor o Uiraçu-gavião.

O Uiraçu toma posição enquanto as outras crianças fazem uma fila em ordem decrescente de tamanho, isto é, os maiores na frente os menores atrás. Cada criança segura, com força, o colega da frente, passando as duas mãos por baixo dos braços do colega. A fila fica, então, como uma corrente.

Feito isso, é começar o jogo.

O Uiraçu fica de frente para a fila e grita assim:

– “Piū!” (“Piū quer dizer: tenho fome)

Aí, a primeira criança da fila estende uma perna, depois estende a outra, perguntando assim:

– “tú’senan sēni”? (que quer dizer: “queres isto aqui?”)

O Uiraçu responde:

– “É pelá!” (“Não”)

E o Uiraçu continua gritando “piū” para todos os outros indiozinhos, um por um. E cada criança responde do mesmo jeito que a primeira. E o Uiraçu diz sempre que “Não”.

Atenção! O Uiraçu não deve sair do seu lugar, lá perto do começo da fila.

Quando a última criança, que deve ser a menor do grupo, estender a perna, o Uiraçu grita que “Sim”:

– “I’ná”.

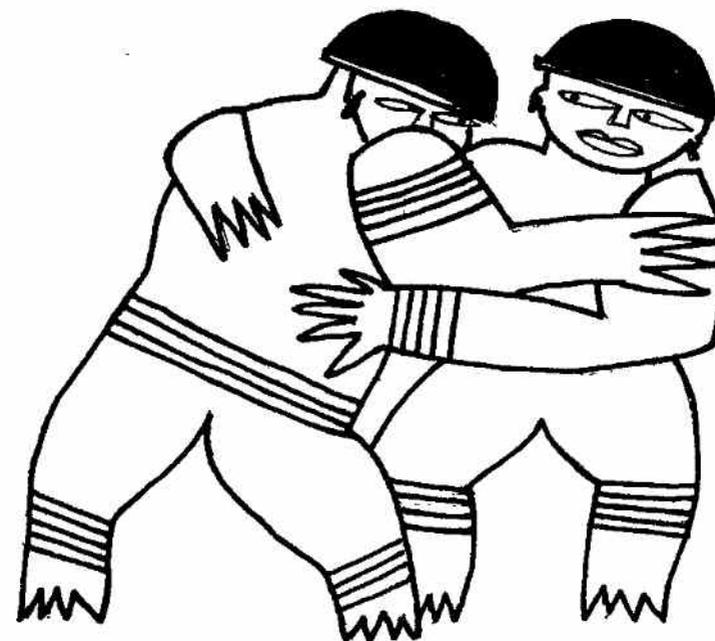
E sai correndo para pegar o último da fila. •

É aí que começa o cerco. A fila inteira procura a cercar o Uiraçu, sem arrebentar a corrente, mas sempre mantendo a fila. E o Uiraçu vai-se atirando sempre, procurando pegar a última criança da fila e as outras não deixam, vão sempre mexendo a cadeia bem depressa, de um lado para o outro, sempre tentando impedir que o Uiraçu agarre a última criança.

Se o Uiraçu não conseguir pegar a criança, volta para o seu lugar e recomeço o jogo. Se conseguir pegá-la, arrasta-a como prisioneira até um lugar marcado que fica sendo o ninho dele.

Assim continua o jogo até que o Uiraçu pegue todas as crianças, uma por uma, da maior à menor.

HUKA-HUKA



O huka-huka é uma forma de competição xinguana. É uma luta corporal, comum a todas as tribos da área e praticada quase que diariamente pelos homens, sendo tradicional um jovem visitante lutar o huka-huka com os jovens da tribo que visita.

É uma competição regulada pela iniciativa individual e independente de arranjos prévios ou época apropriada. O huka-huka não tem maiores conteúdos simbólicos ou ritualísticos, podendo ser considerada como atividade simplesmente desportiva.

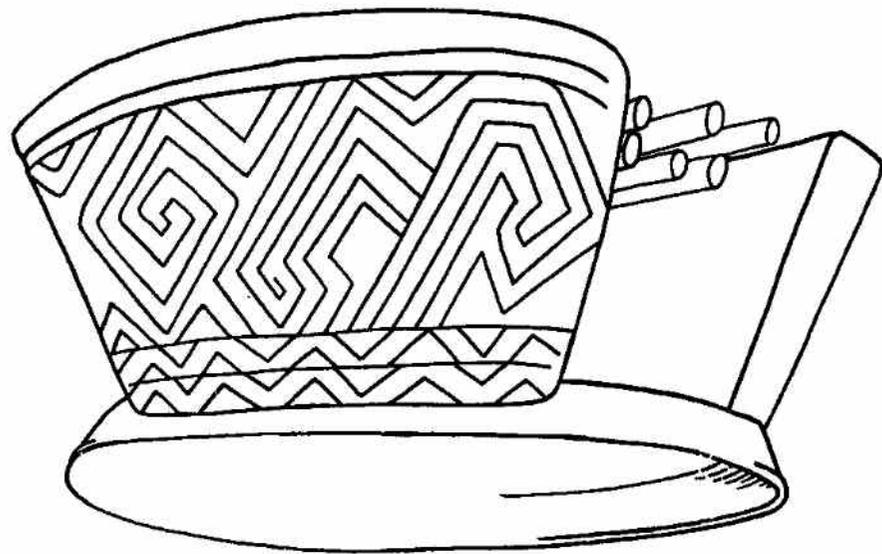
São apenas dois de cada vez que lutam o huka-huka e a luta propriamente dita consiste em um dos adversários tentar tocar a parte posterior do joelho do outro. Nisso, os parceiros ficam como que agachados e atracados um ao outro na tentativa de agarrar o ponto determinado, enquanto isso os espectadores ficam em volta torcendo. Quem tocar primeiro o lugar determinado é o vencedor.

(Brinquedos de Nossos Índios, Revista do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Série Infantil nº 1).

(Reescrito a partir de um texto do livro “Encontro de Sociedades”, Eduardo Galvão, pág. 53).

GLOSSÁRIO

- Atração – operação de aproximação e contato com grupos arredios
- Caucheiros – aquele que trabalha na extração da borracha do caucho
- Civilizado – instruído pela nossa cultura
- Cupá – planta de raiz comestível
- Íuca – espécie de planta com várias utilidades
- Henequem – espécie de sisal
- Maguei – pita (sisal)
- Sapota – espécie de árvore
- Sapoti – fruto muito doce do sapotizeiro
- Seringueiro – aquele que extrai leite da seringa para fazer borracha
- Sisal – planta que fornece fibra para tecidos com várias finalidades



FORNO E TACHO PARA FARINHA E BEIJU
TUCANO BANIWA

Kock-Grünberg, Theodor-Zweijahre unter den Indianern-Reisen in Nord-west
Brasilien – 1903-1905. Berlin, 1909.

Cantos de Awa

Doc 14 M. J.

Musical score for 'Cantos de Awa'. The score consists of ten staves of music. The first staff is a title line with the tempo marking 'Moderato (♩ = 120 M.M.)'. The music is written in a single melodic line on a five-line staff. The key signature has one flat (B-flat), and the time signature is 3/4. The notation includes various rhythmic values such as eighth and sixteenth notes, and rests. There are several triplet markings (indicated by a '3' over a group of notes) throughout the piece. The score is handwritten and appears to be a transcription of a field recording.

Museu. d. Indio - 1950
Helsalomin

Doc. N.º 25 Cantos religiosos (Canto I).
(Quaiçuru)

Canto II

Viro (n.º 132 M.M.)

Fonte: Helsa Camêu (Suplemento Musical) páginas 19 e 24/6

DISCOGRAFIA

DREYFUS, Simone, ed. *Musique Indienne – Brésil*. Disques Vogue, Collection Musée de l'Homme, LDM 30112

De MENESES BASTOS, Rafael José, ed. *Música dos Índios Kamaiurá*, in *Música Popular do Norte*. Discos Marcos Pereira (4º volume)

MENGET, Patrick *et alii*, eds. *Brésil – Musique du Haut Xingu: Musiques Traditionnelles Vivantes V*. Musiques Populaires OCORA 558517

VILAS-BOAS, Cláudio e Orlando
Músicas e Ritmos do Xingu. Phillips

SUGESTÕES DE LEITURA

Pré-história

MEGGERS, Betty J. *América Pré-história*. Tradução. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Línguas Indígenas

RODRIGUES, Arvon Dall'igna. "Línguas ameríndias". *Grande Enciclopédia Delta – Larousse*. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Delta, 1975. (vol. 9: p. 4034-4036).

Contato

GALVÃO, Eduardo. *Encontro de sociedades*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
RIBEIRO, Darcy. *Os Índios e a civilização*. Edição. Petrópolis: Vozes.
SCHADEN, Egon. *Aculturação indígena*. São Paulo: Pioneira e EDUSP, 1969.
DAVIS, Shelton. – *Vítimas do Milagre*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *A sociologia do Brasil indígena*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Ed. UnB; 1978.

Ecologia

MEGGERS, Betty J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. Tradução. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

Gerais

SCHADEN, Egon (org.). *Leituras de Etnologia Brasileira*. São Paulo: Nacional, 1976.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1980.

Alimentação

NUNES PEREIRA, *Panorama da alimentação indígena*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1974.

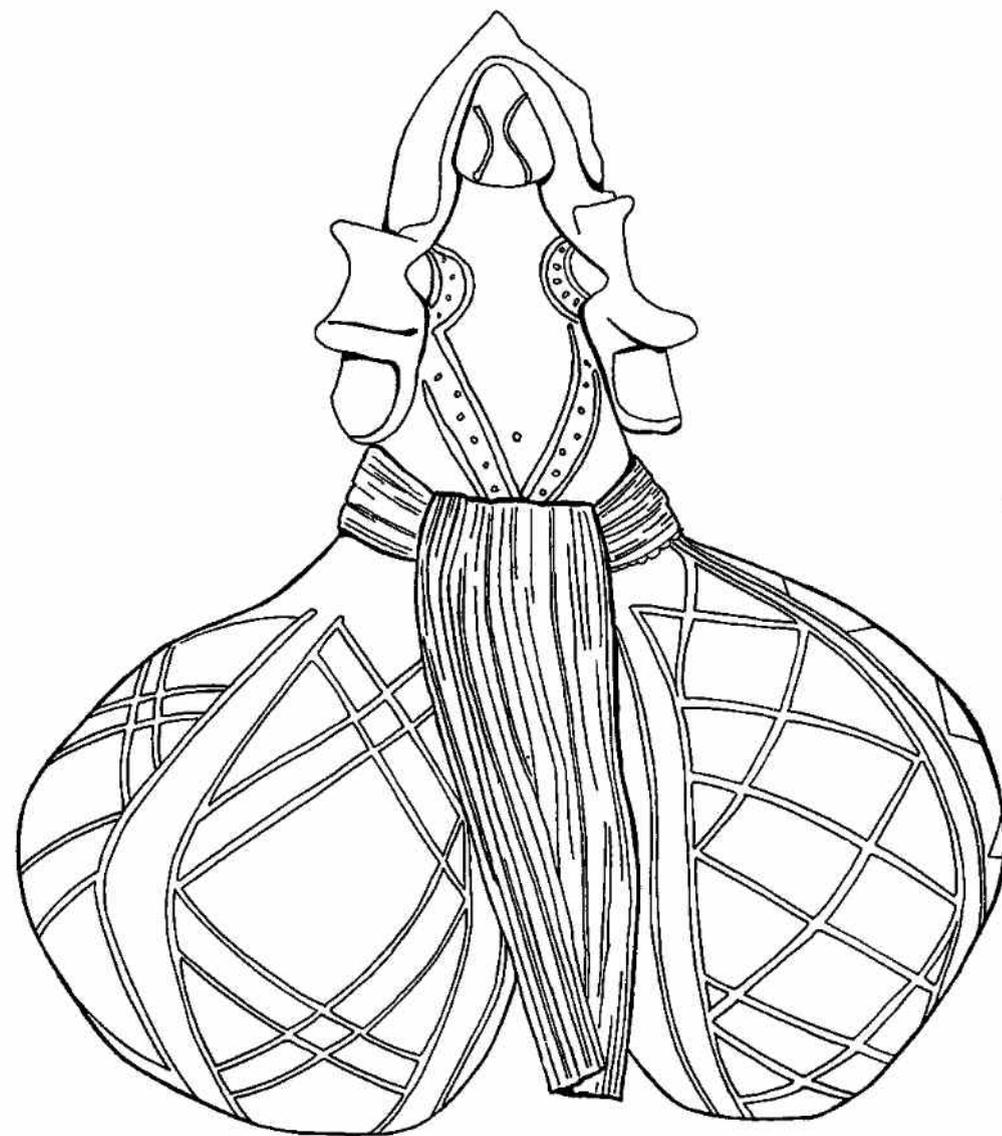
Música

CAMÊU, Helza. *Introdução ao estudo da música indígena brasileira*. Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais.

Mitos

NUNES PEREIRA. *Moron Guêta*. 2 vols. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LARAIA, Roque e MATTA, Roberto da – *Índios e Castanheiros*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979 (contato)



BONECA DE BARRO
KARAJA – Goiás

Coleção particular In: *Atlas Cultural do Brasil*. s. 1., MEC, 1974